

SETÚBAL

Corações a sofrer

FICAMOS mais pobres...

Esta é uma expressão habitualmente usada quando morre alguém de destaque e que desempenhava um papel quase insubstituível.

Conosco aconteceu algo semelhante.

Vieram cá duas senhoras responsáveis pela Comissão de Protecção de Crianças e Jovens do Montijo, para nos levarem cinco meninos que há um ano pediram para os recebermos. Era o mais «Batatinha» de todos, e outros quatro, em crescendo, mais velhos.

Foi mais uma *machadada* que nos deram para satisfazer interesses que não os das crianças. Elas estavam bem integradas na nossa Comunidade. Esta era a sua família, ambiente de convivência e de crescimento humano que nunca haviam conhecido. Agora, voltaram a ficar sem família.

Será que para inaugurar umas instalações novas de um Centro Social se justifica fazer este transplante humano? Sabemos que não. É mesmo um crime moral fazer enxertos desta ordem. Como podem *pegar* vidas assim?

Quando o André chegou a nossa Casa, por vontade expressa da avó que o criava e aos irmãos, vinha sem os cuidados alimentares básicos e sem o apoio familiar que a avó não podia satisfazer; escondia-se atrás das portas e fugia com medo dos adultos. Menos de um ano depois, era uma criança cheia de vida, e fazia desta a sua Casa.

No momento da despedida, perguntei-lhe onde ia. Respondeu-me que ia ver as vacas, enquanto me estendia a mão para que o levasse a vê-las.

Violência injustificada!

Continua na página 4



Moçambique — Meia dúzia de pequenos moçambicanos felizes em nossa Casa.

BENGUELA

Quadros de miséria extrema

BEM sei que as coisas não mudam de um dia para o outro. Paciência! Bem sei que as situações criadas ao longo dos anos de guerra aparecem ainda mais nuas e cruas na sua miséria, agora, porque ficam a descoberto. Antes, não se podia chegar a muitos lugares, ao encontro das pessoas, porque a guerra não deixava. A miséria mais vergonhosa estava escondida. Agora, as imagens televisivas mostram áreas novas a clamar por ajuda imediata. Crianças e adultos mais parecem esqueletos com nm pouco de vida. É, na verdade, impressionante! A dimensão do flagelo tem de mobilizar os recursos possíveis. Seres humanos à espera de tudo! É uma tarefa prioritária.

Ao contemplar um dos quadros de miséria extrema, experimentei algum conforto com a presença de voluntários médicos e enfermeiros e outros a dar a vida para que os outros tenham vida. As organizações não governamentais, em casos semelhantes, têm um papel decisivo para a salvação das pessoas. As crianças e as mães estão em primeiro lugar no trabalho de salvamento. São vítimas inocentes da maldade dos homens. Os corações mais duros quebram diante das cenas que contemplamos. Será possível ficar indiferente? Que posso fazer diante da montanha de sofrimento, de angústia da multidão dos nossos irmãos? Cruzar os braços? Como é possível? Ir para o meio deles? É preciso amar até ao fim, antes de mais. E sofrer, no lugar onde estás. Estas situações são chicotadas a partir da concha em que estamos metidos. Quem sabe? Que valem as nossas privações diante do nada das mães e crianças? Quem dera fossem gotinhas de água temperadas com o sal do coração solidário que sabe repartir.

Sabemos, por experiência, como o pouco faz muito, quando todos dão as mãos. É preciso acreditar que a solução dos problemas sociais, alguns deles muito concretos e nossos vizinhos ou afastados, passa também pela nossa mente e coração. Estou a lembrar-me dos factos da multiplicação dos pães que nos são contados no Evangelho. O Mestre não prescindiu da colaboração dos mais íntimos, nem tão pouco dos que tinham algo no meio da multidão faminta. Cinco pães e dois peixes para cinco mil pessoas? — Não tendes algo mais? — Dar tudo o que podemos e sabemos é a regra. O restante virá. A gente ficou saciada. Quanta exigência nos é pedida!

Fomos interpelados, mais uma vez, acerca dos meios materiais com que alimentamos a nossa vida. Do povo de Portugal, respondemos. De tão longe? Sim, não há tempo

Continua na página 3

Notas do Tempo

A quinzena passada queixei-me do que se passa «no mundo das crianças, adolescentes e jovens ditos 'em risco'», no que se refere à desarticulação das estruturas legais que se atropelam e tornam mais desconexa e difícil a execução das medidas que visam proteger e promover tais Menores. Lamentei que não tenhamos ainda um Ministério da Família, já que na debilidade e ineficácia desta Instituição reside a causa principal de tantos caminhos de risco que põem em perigo os Menores. E apelei para os Ministérios da Justiça e da Segurança Social que especialmente cobrem esta área para que «dessem as mãos», repartissem sensatamente e com equidade a imensidão dos problemas sem-

pre gravosos que sobre eles caem. Neste momento, bom senso e equidade são palavras vãs, com os Institutos da Justiça peçados de funcionários e vazios de utentes e a prepotência dos Tribunais sobre os Agentes do Social incapazes de fazer milagres com as estruturas de acolhimento existentes. Tantas lamentações se ouvem pela avalanche de processos e consequente morosidade do seu despacho e tanto tempo se perde fora do campo mais específico e inalienável dos Tribunais, «a chover sobre o molhado»!

Mas outra área que abrange as crianças, adolescentes e jovens, mesmo os não ditos «em risco», sofre desde há muito de profunda crise: a Escola.

Continua na página 4

Praticando o Bem

ESTOU a lançar-me numa campanha eclesial em busca de vocações para a Obra da Rua.

Irei mandar cartas-circulares a todos aqueles que se encontram em lugares cimeiros de reponsabilidade apostólica em Portugal e por esse mundo de Deus.

Batei e abrir-se-vos-á: — é ordem da Palavra Viva.

Nelas, nas cartas, aduzo o chamamento do Padre Américo, de outros Padres e Senhoras que serviram os Pobres, na pobreza, apontando as urgentes necessidades dos desgraçados e suas vítimas.

Chamo vítimas àquelas infelizes pessoas que se instalam com bons ordenados e distintos canudos técnicos nas inúmeras Instituições, espalhadas abundantemente, por todo o País, e

que pouco mais fazem senão preencher os lugares criados legalmente para se resolver as circunstâncias da criança abandonada — hoje dita «em risco».

A Obra da Rua só quer ser «da rua» e mais nada. Deseja, sim, amar o rapaz ou o doente de que ninguém cuida.

Eles vêm até nós das piores circunstâncias e a pedido insistente, por não haver resposta quase em mais parte nenhuma, senão em nossas Casas.

As solicitações chovem todos os dias e de toda a parte. Dos Tribunais, das Comissões de Protecção de Crianças e Jovens, dos Gabinetes de Intervenção Social, das Assistentes Sociais, do Apoio à Vítima e poucas vezes, também, dos Vicentinos ou das Paróquias.

Estaríamos, sim, para acolher as des-

graças encontradas pelas Comunidades cristãs, mas, como em tantas, tudo se estruturou e como quase sempre a estrutura cega, isto é, as pessoas porque fazem algo, deixam de ver, são escassas as petições.

Hoje, quem visita os Pobres? Quem anda pelos bairros, vielas e até pelas aldeias? Quem?!... — É tão raro!

Deixou-se às pessoas da proa social bem instaladas e bem governadas o púlpito dos Pobres abandonados, para, à sua custa, criarem imagem e ganharem glória.

A ideia de que ao Estado é que compete — deixa muitas consciências adormecidas.

A verdade é que todos nos devemos empenhar. E o Estado também. Mas se ele o não faz, ou finge que faz sem fazer, o abandonado fica entregue à sua sorte e esta, hoje, desemboca quase sempre na marginalidade ou na

Continua na página 4

Pelas CASAS DO GAIATO

Conferência de Paço de Sousa

CATEDRAIS DA DOR
— Quis Deus fôssemos obrigados a estar num dos maiores estabelecimentos de saúde do País.

Mais uma vez procurámos integrar-nos no meio, lembrando, como noutras alturas, as dores dos nossos Pobres mais pobres — que os Leitores assinalam na *Partilha* que publicamos adiante, qual oração por todos eles.

Curiosamente, lembramos sempre Pai Américo nestas alturas, prostrado no leito a caminho do Céu. Imagens que jamais esquecem, suportando ele, sacrificadamente, as consequências dessa situação. Quantas vezes pela noite fora nos pedia água!?

VOZ DO PAPA — Parte de uma homilia: «*Devemos competir entre nós, não no criar de divisões ou em acusações recíprocas, mas sim na demonstração mútua da Caridade. A única competição possível entre os discípulos do Senhor é a de verificar quem está em situação de oferecer um amor cada vez maior! Recordemos as palavras do grande Bispo Nerses de Lambrón: 'Não há modo de estar em paz com Deus, para ninguém, se antes não se fez a paz com os homens... Se amamos e esta é a nossa medida, o amor será a nossa parte; se o rancor e o ódio são a nossa medida, esperam-nos ódio e rancor'. Hoje, a Arménia espera de todos os seus filhos e filhas esforços vivazes e renovados sacrifícios. Tem necessidade de que todos os seus filhos trabalhem com todo o coração para o bem comum. Só isto assegurará que o serviço honesto e generoso de quantos trabalham na vida pública seja recompensado com a confiança e a estima do povo; que as famílias sejam unidas e fiéis; que toda a vida humana seja acolhida amorosamente desde o momento da concepção e solícitamente cuidada mesmo quando é ferida pela doença ou pela pobreza. E onde podereis encontrar força para este grande compromisso comum? Encontrá-la-eis onde o povo sempre encontrou a inspiração para perseverar nos seus altos ideais e para defender a própria herança cultural e espiritual: na luz e na salvação que vos vem de Jesus Cristo.»*

PARTILHA — Duzentos e cinquenta euros da assinante 31254, de Fiães (Feira), «*a minha mensalidade de Maio. Agradeço o anonimato.*» Cumprimos. E a legenda da missiva, impressa no topo, continua: «*Na simplicidade da flor lê a mensagem que te envio!*»

Cento e dez euros, também para os doentes da nossa Conferência do Santíssimo Nome de Jesus e um estímulo para nós outros: «*Que o Senhor vos ajude em vossa missão e nós vamos ajudando sempre que pudermos. Tenho muita fé nesta permuta.*» A carta traz um excerto do *Eclesiastes*: «*Não te abandones à tristeza, pois uma vida sem alegria é insuportável.*»

A assinante 14493, do Porto, presente com a sua «*contribuição para a Conferência, referente ao mês de Abril — com a amizade de sempre.*»

A leitora da Rua da Fonte, Areia (Vila do Conde), cá está, «*novamente, a marcar presença com a sua pequena ajuda para a Conferência Vicentina, dada com muito gosto.*»

De algures, um «*contributo habitual, 150 euros, para que o apliquem no que mais necessitarem. Não quero nem agradecimento nem recibo. Que esta minha 'obrigação' possa aliviar alguém — é o que mais desejo.*»

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

O acordar

Brilha o dia quando
[descobrimos que
Afinal somos aquilo
[que somos.

Nessa altura cai a lágrima
[transparente!

Que diria eu hoje na situação
[em que me
Encontro, sabendo o que eu
[sofri,
O quanto chorei, e hoje olho
[em volta
Tudo parece muito sereno.

O inferno não vem depois
[da morte,
Mas o inferno é aqui,
O inferno é neste mundo
[onde vivemos,
Porque existe nele ódio,
[a guerra,
Existe condenação de raça
[humana,
É um mundo em que a
[Humanidade vive da
Hipocrisia de que destrói
[e mata quem
Não tem defesa,
[e impiedosamente,
[cruel por prazer.
Que diria eu hoje ao nascer
[do dia?

Infeliz!
Não, apenas vivo o suporte
[do pecado deste mundo!
Porque só da morte
[é que surge o Paraíso,
Porque nós vivemos com
[o inferno no nosso dia.
Fico fascinado quando olho
[o Céu e
Vejo a grandeza do infinito
E sinto o meu respirar,
Junto à maré, o que me
[importa amar!
Se o sol nasce para todos,
[é tudo quanto posso dizer.

Abílio Pequeno



Paço de Sousa — Os «aviões» de papel enchem o coração dos mais pequenos, os «Batatinhas».

TOJAL

HORTA — Este ano, se Deus quiser, vamos ter muita batata, cebola e alho que dará para o próximo ano.

O Rafael e o José já começaram a cortar o feno para as vacas.

GADO — Recebemos dois vitelos e dois porcos.

Os gaiatos agradecem a vossa colaboração. Mais uma vez o nosso muito obrigado.

FUTEBOL — Nestes últimos dias parecia muito desorganizado, mas parece que voltou ao normal. O treinador, o Luís «Grande», voltou com nova estratégia. O pessoal já se adaptou aos treinos e notamos um bom futebol.

Resta-nos fazer uma experiência com a nova tática.

Quanto aos adversários, esperamos que se preparem porque a nossa equipa está bastante forte.

Esperamos por vós.

FESTAS — Os nossos «Batatinhas» têm apresentado os números com muita alegria e deixam a mensagem para que não falem ao espectáculo que prepararam, pois querem muito aplausos da plateia.

Abílio Pequeno

PAÇO DE SOUSA

DESPORTO — Os Iniciados receberam, no dia 13 de Abril, a Associação Desportiva e Recreativa da Pasteleira e perderam. Têm passado por aqui equipas de futebol que praticam a modalidade como manda as regras; mas, desta vez, os rapazes da Pasteleira

RETALHOS DE VIDA

Bubu

Sou o José Henrique Correia Teixeira. A minha alcunha é Bubu. Nasci em Samodães (Lamego) em 11 de Junho de 1988.

Frequento, agora, o 3.º ano da Escola Primária. Eu estou na Casa do Gaiato, de Paço de Sousa, porque os meus pais se embebedam, batiam-me muito e não me podiam ter lá na casa, muito velha.

Ocupo o meu tempo livre na lavandaria, mas, quando crescer, gostaria de ser serralheiro.

Nas horas de recreio jogo futebol com os meus colegas.

Estou na Casa do Gaiato, há já dois anos, da qual gosto muito porque tenho aqui amigos e não me falta nada, graças a Deus.

José Teixeira



foram mais longe e fizeram questão de dar uma lição de futebol. Os nossos jogaram muitíssimo bem, mas, na verdade, não houve hipótese de virar o resultado. Depois de estarmos a perder por 3-0, ainda chegámos aos 3-2. O quarto golo surgiu de uma grande penalidade que, segundo pessoas mais perto do lance, garantem a falta foi fora da área. A partir daqui, tentámos não sofrer mais golos e aguentar a pressão. Diga-se, em abono da verdade, foi desde o primeiro ao último minuto. Apesar do resultado final, nos ter sido desfavorável, houve perfeito entendimento entre os intervenientes no espectáculo.

Não quero terminar sem fazer referência a duas coisas: primeiro, dar os parabéns ao «Doutor» pelo bonito golo que marcou; segundo, dizer que o árbitro foi da casa. Não ganhámos e o nosso adversário não fez questão de o homem do apito fosse deles, muito menos teve o descaramento de

se pronunciar como alguém o fez no dia 6 de Abril: «*Garanto-te que, se o árbitro não for eu, não há jogo...*». Antes de começar, diz um outro elemento do grupo: «*Eu quero ficar no banco dos suplentes do lado que jogar a minha equipa, faz parte das novas leis do futebol.*» Quem estiver minimamente atento e tiver um pouco de bom senso, verifica, nos jogos que se realizam semana após semana, isso não acontece. A pessoa em causa, ocupa o lugar de treinador (...), e ainda para cúmulo, no campo, onde supostamente devia ser bom conselheiro dos rapazes, não tem abrigo para os suplentes e muito menos banco para os mesmos se poderem sentar. Tudo, menos conviver em família. Jamais esqueceremos esse jogo, pelas atitudes infelizes de alguns elementos.

Quem não está a dar tréguas, são os Seniores. Mais uma vez não desperdiçaram a oportunidade de golear o adversário, que veio dos lados de Matosinhos.

Com golos de Américo (3), «Pião» (2) e «Turbinas» (1), fez-se «jus» à vitória que pertenceu aos da casa. Um dos três golos do Américo foi de se lhe tirar o chapéu, para além de fazer uma excelente primeira parte. Tem por hábito, não discutir em campo o que o ajuda a concentrar-se mais no jogo. Já que falamos em chapéus, não podemos esquecer a grande chapela que deu origem ao golo do capitão da nossa equipa.

Quem se estreou na equipa Sénior e não esteve nada mal, foi o António, um guarda-redes da equipa dos Iniciados. Com três belas defesas, marcou a sua presença entre os mais velhos.

Alberto («Resende»)

SETÚBAL

SILAGEM — Nestes últimos dias andámos a fazê-la. Enchemos um silo e ainda falta cortar a cevada em dois terrenos. Irá ser cortada todos os dias para dar ao gado. O senhor Rosmaninho deu uma ajuda a espalhar a silagem.

TELESCOLA — As turmas do 5.º e 6.º anos foram a Alpalhão, participaram num concurso de danças e jogos. Concorreram várias Escolas, e, no final, fizemos um churrasco.

HORTA — Temos apanhado muita fava. O grupo dos pequenos fica com a tarefa de as descascar. Depois disto, enchem caixas plásticas com elas, e guardamo-las nas câmaras frigoríficas para durarem o ano inteiro. Os rapazes gostam da fava, mas não gostam de andar ao sol a apanhá-la.

RAPAZES — A Comissão de Menores do Montijo levou cinco rapazes nossos. Dois do grupo dos «Batatinhas» e três da casa IV. Não sabemos porque os vieram buscar. Cá não lhes faltava nada. Agora, sentimos muito a falta deles. O que mais desejamos é que estejam bem.

Rui («Rato») e Sérgio

ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS GAIATOS DE MALANJE

DOCTRINA DE PAI AMÉRICO — Em 1952 Pai Américo deslocou-se a Angola e sonhou com a abertura de um Lar a construir em Luanda. O Senhor chamou-o quatro anos mais tarde deixando esse projecto aos seus continuadores.

A Obra da Rua não esquece o sonho de Pai Américo.



Uma colheita nos campos de Benguela

BENGUELA

Continuação da página 1

nem distâncias, quando a Caridade é mais forte. Apoiados nesta verdade, firme como um rochedo, caminhamos de cabeça erguida e levamos conosco centenas de famílias pelos caminhos do trabalho, da saúde, da escola e da autoconstrução.

Por este caminho vão projectos feitos para o povo, à medida do povo. Quando aparecem as pessoas empenhadas em causa nobre, os auxílios materiais chegam também. Foi o caso da Maria, da Helena e do Nuno que meteram ombros ao projecto de alfabetização num dos bairros vizinhos de Benguela. O curso, na primeira fase,

foi encerrado no Domingo passado. Houve festa. Oitenta pessoas deram um passo em frente na sua promoção. Foi precisa a mão de alguém que agiu, impelida só pela força do amor gratuito. São três jovens já maduros que, integrados numa ONG (Leigos para o Desenvolvimento), decidiram deixar suas vidas mais cómodas para se doarem, numa experiência única, ao serviço das pessoas que estão à espera. No teu coração e nas tuas mãos está o segredo das obras grandes. Não feches a porta. Não feches os ouvidos ao clamor das pessoas, de longe ou de perto. Caminha!

Padre Manuel António

Bálsamo e tónico

«Saudações cordiais. Obrigado pelo gostoso manancial da carta de 23.2, bem como pelo livro Calvário, II volume.

São bálsamo e tónico nesta atmosfera doentia de negociatas e prebendas.

Num pântano de tentações, bem-vindos os pelicanos.

Glória ao Pai...

Cartas

Fico rezando por vós e a vós me encomendo.

Assinante 42602»

Prova de fé e amor

«Quando me preparava a remeter esta contribuição para minorar os

problemas da Obra da Rua, chegou o vosso Jornal, que me deu a oportunidade de ler a carta daquela velhinha que enviou uma parte substancial do seu minúsculo pecúlio.

Que espantoso exemplo de generosidade! Como me sinto pequeno e 'invejoso' perante tamanha prova de fé e de amor!

De novo o meu muito obrigado pelos momentos de reflexão que me proporcionam.

Assinante 63845»

DOCTRINA

Vamos plantar a Cruz



As paredes da nossa Capela já emergem do solo. Artistas queimados do tempo, empoleirados nas pranchas, assentam pedras a cantar: «Anda lindinha, anda!»

As melhores árvores das redondezas foram chamadas à serra. Homens afeitos à arte, polvilhados de serrim, armam estaleiros, contentes. A serra deles, macia, abre os madeiros sem dor; não é a estridência da fábrica.

VAMOS plantar a Cruz. «Aprove a Deus salvar os homens pela estultícia da Cruz.» Tens páginas brancas diante de ti onde podes escrever as ofertas: Paramentos, roupas de linho, ornamentos de altar, oiro para o nosso cálice.

TIVE na minha mão um tão formoso que serviu agora na Catedral de Lourenço Marques! Sim; tive. Quem me diria, naquele tempo, que eu havia de chegar a ter necessidade dele?! Ando por esse Mundo sem norte nem programa, vivendo das tribulações de cada dia, sem se me dar do que hei-de comer nem do que hei-de vestir — para que o nosso Bom Deus faça tudo e eu nada.

D. Amén: 5!

(Do livro Pão dos Pobres — 4.º vol.)

«Venho dar-lhe notícia de que depusitei no Banco de Angola 10.072\$00 para a Casa que pensam arranjar aqui para os seus rapazes angolanos».

Assim começou o projecto de Pai Américo: sem medo.

«Como passaritos que se desprendem a primeira vez do ninho que os viu nascer e se fazem ao largo, foi assim que Paço de Sousa nos viu partir em Novembro de 1963...»

— Padre Manuel António.

«Não me contive e chorei. As lágrimas dos nossos 'Batatinhas', na despedida, entalaram-me — e brotaram como bugalhos. Amor... Saudade...»

Padre Telmo.

Em 1967 o Padre José Maria partia para Moçambique para concretizar mais um sonho de Pai Américo. Era a décima quarta lareira acesa sob os telhados da Obra da Rua.

Tudo isto para pedir que leiam os livros da nossa Editorial. Viver a doutrina de Pai Américo é uma forma de comunicação com os Padres da Obra e as Casas do Gaiato.

SAUDADES — Em vez de lágrimas, há uma lagoa. Muito mais e muito menos água do que uma lágrima.

Na Casa do Gaiato de Malanje fomos educados e éramos os donos das terras, do mundo, sem dinheiro porque tínhamos a cinza, o pó e nada.

Éramos donos da raiva, da prepotência e de um tédio familiar para esquecer, sem mágoa, mas com muito amor.

Dentro da lagoa havia os peixes que nos ajudavam, o lodo que nos prendia os pés, os passarinhos que nos liam histórias lindas de encantar, enquanto os nossos cabelos ondulavam na corrente, por cima e a pouca altura.

Foi assim que conhecemos a nossa Aldeia e a vimos crescer, tão linda como quando Pai Américo iniciou a Sopa dos

Pobres, em Coimbra, e recolheu os rapazes da rua.

Nasceu a Casa-mãe, crescemos todos juntos, tornámo-nos irmãos e, hoje, pertencemos a uma grande Família, da Obra da Rua e de Pai Américo.

Pelo muito carinho que tenhamos por Padre Telmo, temos que amar Pai Américo e a sua Obra porque assim fomos educados.

Temos que nos sentir, mais do que nunca, filhos de Pai Américo, da Obra da Rua, de Padre Telmo e de todos os Padres da Obra.

O NOSSO ENCONTRO

— Esta crónica vai mais cedo. Quero estar disponível para a festa de mais uma família que vai nascer na Obra da Rua. A 13 de Julho a Carla Fernandes, no seu matrimónio, dirá se gosta de ser neta da Obra e do nosso Padre Telmo.

Para o nosso encontro anual, previsto em Azurara na primeira quinzena de Setembro, o Joaquim Vieira dará notícias por carta ou via telefónica.

Manuel Fernandes

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS

— Alguém escreveu: «A vida passa tão depressa que, verdadeiramente, é melhor ter no Céu uma bela coroa e na terra um pouco de sofrimento do que uma coroa ordinária, sem padecimentos».

Isto alerta-nos para a tentação do nosso egoísmo, de só quereremos ter muita saúde, muito dinheiro, etc.

Ignoramos o exemplo que nos deu o Filho de Deus Pai. Ele que foi glorificado depois

de muito ter sofrido e de nada ter de Seu.

Nesta linha, encontramos também o exemplo de Pai Américo, que depois de bem instalado na vida deste mundo, renegou todo o comodismo em que se encontrava, para se dedicar de alma e coração ao Pobre, ao doente, ao abandonado. Também os Padres da Obra da Rua, alguns já com sua vida profissional definida, deixaram tudo, para acompanhar Pai Américo, na sua dedicação ao Pobre.

Estes e outros, são exemplos que nos podem servir de guia para a vida dedicando-se um pouco mais ao necessitado.

Só assim se consegue a tal «bela coroa» que se ganha no Céu.

Estes gestos são actos livres que projectam personalidades no Infinito. Eles despojaram-se de tudo o que era seu e despojaram-se também de si próprios.

Evitemos comparecer diante do Autor da Vida de mãos vazias, dedicando-nos mais ao nosso Próximo.

Nós tentamos dedicar-nos ao serviço dos Outros. Sabemos que não é o que eles precisam, mas o que nos é possível, embora quiséssemos mais.

A senhora da hemodiálise, continua em tratamentos e cada vez mais magrinha. Desta vez estava com uma netinha, que a cada passo uma das filhas lhe vai deixar, para olhar por ela e, como não podia deixar de ser, alimentar.

A senhora viúva, continua sem poder trabalhar devido à doença e também porque tem de olhar pelo filho deficiente. Ele frequenta uma escola própria onde a mãe o leva e vai buscar todos os dias.

No casal idoso, agora ela está só porque o marido está num Lar que ela não sabe explicar onde é. Os dois netos continuam sem trabalho. Tam-

bém continua lá o senhor idoso, ceguinho, a quem ela dá de comer.

A situação deste casal não está bem esclarecida. Vamos tentar falar com o serviço social da zona para ver se sabem ao certo o que se passa.

Como acima dizemos, precisávamos de mais tempo para nos dedicarmos aos Pobres, mas temos a consciência tranquila de que lhes dedicamos o tempo que podemos.

Vamos continuar a procurar Deus no rosto destes nossos Irmãos, tendo a certeza de que um dia também Ele encontrará o nosso. Nessa altura, receberemos então a nossa «coroa».

Olga e Valdemar

«Eu sou a Ressurreição e a Vida; quem crê em Mim, ainda que esteja morto, viverá; e todo aquele que vive e crê em Mim, nunca morrerá.»

Lázaro, amigo de Jesus, estava gravemente doente em Betânia. As irmãs dele, Maria e Marta, depositaram toda a confiança no Mestre e comunicaram-lhe a triste nova, esperando que Ele se compadecesse daquela desgraça e fosse curar Lázaro. Mas Jesus, segundo parecia, não fizera caso e não chegara a ir visitar o doente. Morreu e foi depositado no sepulcro.

Depois de Lázaro morrer, Jesus aproxima-se de Betânia. Marta sai-lhe ao caminho, desfeita em lágrimas, e diz em tom de amorosa repreensão: 'Se estivesse aqui, o meu irmão não teria morrido.' Como era grande a confiança que Marta depositava em Jesus! Estava plenamente persuadida de que, se Jesus estivesse presente, o seu irmão seria curado, em lugar de morrer. Era tal a sua fé em Jesus que estava certa de que Ele obteria de Deus tudo quanto Lhe pedisse. Talvez que com estas palavras não Lhe pedisse directamente que res-

suscitasse o irmão, mas supomos que talvez já alimentasse no espírito uma pequena ideia ou esperança a esse respeito. Jesus, porém, afirma dizendo: 'O teu irmão ressuscitará.'

Marta, embora alimentasse a esperança de ver Lázaro ressuscitado, pensou que o Mestre se referisse à Ressurreição Universal, em que acreditavam os bons Judeus. Então, Jesus faz esta notável afirmação: 'Eu sou a Ressurreição e a Vida; quem crê em Mim, ainda que esteja morto, viverá; e todo aquele que vive e crê em Mim, nunca morrerá.'»

(Do livro Cristo vivo)

Há dois meses, a nossa amiga velhinha, cancerosa, faleceu. O filho, um pouco atrasado e já

com perto de quarenta anos, ficou só, pois eram companhia um do outro, mas não quer deixar a sua casinha. Vamos ver como poderemos ajudá-lo neste tempo difícil e doloroso.

RECEBEMOS — Amiga Dolores, o cheque habitual. Uma nossa Amiga pede pelo marido que faleceu e manda um cheque e uma carta com lindas palavras: «Deus esteja sempre convosco e ajude em vossa missão». Com votos de felicidade e saúde, a assinante 9217. Amiga que pede anonimato, 200 euros.

Saúde e paz para os nossos Amigos e o nosso bem haja.

Maria Germana e Augusto

Praticando o Bem

Continuação da página 1

cadeia deixando as pessoas na pior desventura e o Estado com o ónus deste irremovível fardo. Um trágico desfecho para qualquer filho de Deus, o que nos deixa a alma a sangrar.

Queremos, sim, que à volta de Jesus presente em cada homem, os apaixonados pelo Mestre se congreguem tam-

bém na Obra do Padre Américo, impedindo, ao menos, que esta chama se extinga.

A experiência de longas décadas, a entrega total, a vivência em família numa relação próxima e contínua com cada pessoa acolhida vale mais que todos os canudos!... Os resultados estão à vista.

Entra também nesta cruzada, senão puder ser total-

mente, ao menos com o teu sentir íntimo e a tua oração.

É impossível que Deus não nos ouça. Esta causa é a primeira do Reino dos Céus.

O tempo pascal é pródigo em exortações à nossa união com Cristo e em reforços de persuasão de que vale a pena gastarmos a vida numa entrega radical em lugares de maior exigência e consequente sacrifício.

O mundo fala. Sempre falou. Mas o mundo é mundo. Não somos dele. Amamo-lo como Deus o amou sem esperarmos qualquer recompensa, nenhum proveito, a não ser as críticas, as condenações e os vexames.

Padre Acílio

ENCONTROS EM LISBOA

Mães e filhos

SEMPRE me impressionou a linguagem feita de silêncio entre mães que se perguntam como vão os filhos. Por vezes, os lábios apenas balbuciam um «lá vai» e tudo o resto fica por dizer, só o olhar comunica, preenche de segredos, esperanças, anseios, sofrimentos... Quem está de fora pode adivinhar todo o percurso do amor que gerou um filho, desde antes da concepção, até ao momento em que se foi desenvolvendo e tornando pessoa adulta.

Há dias, ouvi alguém dizer: «Filhos, eu não os quero para nada». Fiquei chocado porque me pareceu ouvir a voz da areia estéril do deserto, só que estava perante alguém que fechou o seu próprio coração e o tornou de pedra, onde o amor não pode germinar.

Também fiquei encantado com a esperança e a alegria de um casal ainda novo que decidiu adoptar uma criança. Ainda não sabem quem é, mas ela já existe nos seus sonhos, na organização das suas vidas e nos momentos de oração, onde pedem a Deus a «bênção para o seu futuro filho».

Numa visita a uma senhora que durante muitos anos criou meninos e jovens em nossa Casa e que agora se encontra retirada, fui surpreendido pela quantidade de perguntas que me fez sobre rapazes que ela criou. Que faz este? E aquele? Ainda sofre da doença que tinha? Esse conseguiu equilibrar-se alguma coisa? E fulano tem alguma profissão? Todos estavam lá, no cantinho do seu coração. Terminou mais ou menos assim: «Agora já não posso fazer muito por eles, mas diga-lhes que continuo a rezar por cada um». Creio que falou a voz do coração de quem sempre se deu a estes rapazes sem qualquer reserva.

Estou em crer que muitos dramas se evitariam se a nossa Igreja fosse capaz de gerar muitas mães e pais com vocação para, no silêncio, darem a sua vida a quem precisa de crescer rodeado de amor, construindo o futuro.

Padre Manuel Cristóvão

Festas

19 de Maio — Domingo, 15.30 h, Salão da Igreja do Sagrado Coração de Jesus, Rua Camilo Castelo Branco — ao Marquês de Pombal — LISBOA.

30 de Maio — Quinta-feira, 21.30 h, CASAINHOS.

02 de Junho — Domingo, 15.30 h, Cine-Teatro de TOMAR.

09 de Junho — Domingo, 15.30 h, Cine-Teatro de CASTELO BRANCO.

16 de Junho — Domingo, 15.30 h, Salão da Igreja do Sagrado Coração de Jesus, FORTE DA CASA.

MOMENTOS

Grilos

ERA uma destas tardinhas mornas com que o final de Abril nos brindou. O sol jogava às escondidas por detrás do baloiçar manso das árvores da montanha que dele se despediam em acenos maravilhosos.

Cinco pequenos, após o jantar, em *troupe* feliz e comunicativa, cruzam-se comigo, no topo da avenida, junto ao campo de futebol.

— Onde vão? — Indaguei para participar da alegria inocente que os inundava e res-cendia.

— Ôs grilos!

Um deles exhibe um pequeno sacho e explica-me: — *Daqui a pouco os grilos começam a cantar e a gente vai com jeitinho, mete o sacho no buraco e apanhamo-los.*

Outro, mostra-me dois bichinhos numa pequena caixa de plástico e seduz-me ao relatar que eles cantaram a noite passada de baixo da sua cama!

Uma beleza de tratamento

PENSAMENTO

A Esperança é o suporte do mundo espiritual!

PAI AMÉRICO



Assim se curam os males psicológicos e se faz a «reinsersão» social nas Casas do Gaiato.

Setúbal

Continuação da página 1

À partida de um familiar, toda a família sofre e se sente da perda. Conosco aconteceu o mesmo: ficaram corações a sofrer.

As leis, sempre as leis. Estas tornam-se por vezes perseguidoras, e nós seus fiéis cumpridores. Ao receber os documentos dando ordem para entregarmos os nossos meninos, só tive uma expressão: «Tudo muito legal, mas muito pouco humano!» Se a lei não serve o bem das pessoas que pretende defender, será, talvez, porque os que as fazem cumprir não têm o espírito que esteve na sua origem.

A missão de quem acolhe crianças sem família, só pode ser uma — ser a família que as crianças perderam, remediando a situação. Não é dar-lhes um esquema de vida partindo do pressuposto que têm família, sem a terem. Dar-lhes casa, escola, comida, divertimentos, fora do espaço familiar, é como construir castelos no ar. Quando se tornam autónomos, caem no chão porque não tinham base onde se apoiar. A família é a base, é o ambiente, é a segurança sob a qual se pode construir uma vida humana. De outro modo, criam-se seres humanos desintegrados que, mais tarde ou mais cedo, vão manifestar a sua marginalidade.

As prisões no nosso País são, cada vez mais, em número insuficiente. Algumas soluções que se vão pondo em prática, não são solução. Não queríamos que os nossos meninos, tão capazes como os outros, se perdessem...

Padre Júlio

Notas do Tempo

Continuação da página 1

Temos seguido atentamente e com alguma esperança o que se vai dizendo sobre intenções de mudança da parte dos Responsáveis pela Educação. Sem exigência, sem austeridade, sem autoridade, a Escola não ensina, muito menos educa. É frustrante comparar a ignorância em que se chega ao fim da «Escola toda» agora de nove anos e os níveis de conhecimento e de capacidades alcançados ao tempo em que ela durava apenas quatro anos. E a diferença não se explica pelas capacidades pessoais dos alunos que são, com certeza, globalmente idênticos, agora e então. A culpa não vejo que possa ser senão do sistema que, em tantas tentativas de

evolução, tem regredido em vez de progredir. Às vezes fico a pensar (o que até me envergonha): Se não fomos capazes de melhorar ao longo de dezenas de anos, não seria preferível parar e, simplesmente, voltar atrás e, a partir daí, tentar novas partidas?! Penso na nossa Língua transformada em papão e tão mal tratada após nove anos de cultivo. Penso na Matemática em que o raciocínio e a operação é outro papão. Penso nas disciplinas de Estudo, a História e a Geografia, as Ciências da Natureza, cuja ignorância até se exhibe desastrosamente nos programas de concurso em que a televisão é pródiga para humilhação nossa. Penso nas teorias desencarnadas sobre integração escolar e formas de apoio aos que têm maiores dificulda-

des de aprendizagem. Tantas medidas promulgadas no ar condicionado dos gabinetes e mandadas ensaiar sem se atender à experiência dos que gastam suas vidas no terreno. Ao longo dos anos têm acontecido sucessivas «passagens de modelos», cada vez mais leves de conteúdo e de roupagem como se a Escola fosse «passerelle».

Por isso vamos seguindo, atentos e esperançados algumas intenções que se anunciam e que não podem excluir a exigência no rigor do ensino, na assiduidade de Professores e alunos, nem a austeridade no exercício dos que aprendem, em ambiente tranquilo, alegre, confiante que só a Autoridade que é sem ter de impôr-se, pode criar.

Padre Carlos